

As pinturas rupestres da Serra de Monte Alto

ARTIGO

Joaquim Perfeito da Silva*

As pinturas encontradas nas paredes das grutas e abrigos rochosos inserem-se no contexto arqueológico como um tipo particular de vestígio. Apresentam-se como um sistema de idéias de natureza sociocultural, visíveis em sua estrutura outorora compartilhada dentro do grupo pré-histórico. São signos de conteúdo simbólico, e podem exprimir o cotidiano desses grupos através de representações isoladas ou agrupadas de cenas de caça, luta, dança, entre outras atividades, ou de maneira aparentemente estática com representações antropomórficas, zoomórficas, fitomórficas ou geométricos simples e complexos.

São representações mentais construídas e públicas. Admite-se que o conteúdo explícito nos painéis rupestres da Serra de Monte Alto trás em si espectros da vida social e cultural dos povos que os produziram, visões de experiências e conhecimentos acumulados, e que não somente expressa a vontade de transmissão desses conhecimentos, mas também para ser interpretado e assimilado. São representações das representações dos saberes e devem obedecer a uma estrutura qualquer que torne inteligíveis as informações referentes a objetos e/ou situações.

Bruna Francheto e Yone Leite (*apud* GASPAR, 2004, p. 153) ao analisarem as estruturas lingüísticas dos mitos e da linguagem humana, ressaltam que são infinitas as formas de organização e apresentação que dê sentido ao que se quer comunicar, “[...] porque cada frase é uma nova criação, ou seja, nunca se diz a mesma coisa do mesmo modo”. Concebendo-se que na arqueologia se diz que esses lugares com pinturas rupestres foram lugares de manifestações de mitos e ritos, talvez podemos assim explicar a grande variabilidade de representar idéias, mais ou menos concretas das relações sociais de um grupo pertencente a uma grande linha de comportamento, que denominamos tradição rupestre.

As estruturas de representação podem também ser influenciadas pela escolha da paisagem no processo histórico de relação homem-natureza, como observa Carlos Etchevarne (2007: p. 79): “Isto significa que a história de um grupo humano se desenvolve no interior de um ambiente natural determinado, mediante o estabelecimento de uma relação de reciprocidade entre a sociedade humana e o meio natural, relação na qual cada uma das partes é condição *sine qua non* para a dinâmica de um específico sistema cultural”.

Na Serra de Monte Alto, observou-se que as representações pertencem ao grupo da Tradição Nordeste, salvo alguns pequenos sítios (Tapuios e Sambaíba), com suas especificidades regionais e até locais, o que posteriormente precisariam estarem classificados dentro de uma variável estilística.

*Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - joaquimpsilva@uol.com.br

Em alguns momentos podemos correlacionar signos muito específicos ao Complexo Montalvânia do vale do Cochá, norte de Minas Gerais (RIBEIRO, L.; ISNARDIS, A. 1997). Mas de uma forma geral os sítios da Serra são representantes da tradição Nordeste, que além da Bahia e Piauí pode ser encontrada em Sergipe, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, e tem sido identificada como representações de grupos de caçadores-coletores com as datações mais antigas no Brasil. No Piauí evolui entre 12.000 a 6.000 anos antes do presente conforme Pessis e Guidon (2000).

Na Serra de Monte Alto também podemos observar alguns motivos rupestres que ultrapassam as barreiras da Tradição Cultural, mostrando assim que apesar das tradições parecerem estruturas fechadas, apresentam linhas abertas de comunicação que vencem espaços e tempo e compartilham idéias com outras cadeias de estruturas culturais entre os povos. São signos símbolos, emblemáticos, que se apresentam misturados a todas as tradições rupestres do Brasil.

Dos seis sítios registrados na serra, em apenas dois constatou-se a possibilidade de escavações em área abrigada sem interferência aparente de passagem de águas que carreariam o material cultural para fora. São de tamanhos reduzidos que poderiam ser ocupados por no máximo oito pessoas. Em dois desses abrigos, do sítio Lapa da Pedra e da Fazenda Andes, foram encontradas apenas evidências de lascamentos. Em todos os outros sítios os pisos são compostos por blocos de arenitos superpostos, tanto na área abrigada quanto em seus arredores.

Por conseguinte as evidências arqueológicas na região têm demonstrado que os sítios aldeamentos localizados na base da Serra de Monte Alto, não possuem nenhuma relação com as pinturas, uma vez que o material cultural desses sítios é o mesmo encontrado nos aldeamentos do município de Malhada distante 20km, de Iuiu distante 30 km, e o mesmo encontrado no município de Carinhanha distante 60 km. As pinturas nesses três municípios, próximas dos aldeamentos, são de estilos bem diferentes, aproximando-se muito mais da tradição São Francisco. Nesses sítios com pinturas, predominam o uso de pigmento branco e amarelo associado ao vermelho. Também podemos verificar uma grande diferenciação nos tipos signíficos. Aí predominam os geométricos e não se encontra nenhuma cena de movimentos ou associações.

As pinturas na Serra de Monte Alto se apresentam em um total aproximado de 95% monocromáticas em vermelho. Alguns tons mais alaranjados ou mais avermelhados aproximando-se do marrom que poderiam ter sido dados pela própria variação da matéria prima que produzia o vermelho, ou pela excessiva exposição ao sol proporcionando a descoloração. Destoando dos tons de vermelho, apenas podemos observar algumas pinturas em amarelo, ora isoladas, ora combinando com o vermelho e em preto com vermelho.

A obtenção da tinta vermelha, já bastante descrito na bibliografia arqueológica brasileira, deu-se através da trituração de minerais compostos de óxidos de ferro. No caso da Serra de Monte Alto, é abundante a existência de crostas e pequenos seixos rolados de hematita. Do manganês, também existente na Serra, se pode obter a tinta preta.

Arqueólogos europeus falam da adição de compostos orgânicos como aglutinantes à mistura de óxido de ferro diluído em água. No Brasil ainda não se pode comprovar tal técnica, mas também experiências em pintar rochas com o corante somente diluído em água, não foi aprovado, a tinta depois de seca, pulveriza-se e se solta da rocha. A melhor experiência que já se fez foi com adição de água carbonatada ao corante. Análises realizadas com pigmentos de pinturas rupestres do sítio Santana do Riacho, MG, não comprovou a existência de CaCO_3 na composição da tinta (MALTA, 1991, p. 312). No entanto, em agosto deste ano o pesquisador Henry Lavalle, da UFPE, apresentou o resultado da análise de pigmentos branco, preto e vermelho do Parque Nacional da Serra da Capivara com a técnica de fluorescência de raios-x, a qual em todos os pigmentos indicou a presença de cálcio associado ao óxido de ferro e ao manganês e suas variações, e em alguns casos a presença isolada de carbonato de cálcio para as pinturas brancas.

Pode-se ter uma previsão mínima do tempo em que as pinturas foram executadas pelo método indireto, datando-se a ocupação do nível estratigráfico concomitante às pinturas. Na Serra de Monte Alto não foi observada possibilidade de se aplicar esta técnica em nenhum dos abrigos.

A técnica de pintura com traços grossos e preenchimentos com os dedos ou pincéis grossos, foi a que mais ocorreu nos sítios. A técnica de produção de traços finos utilizando-se o uso de pincéis finos vem em segundo lugar, principalmente quando se pretendeu desenhar os dedos das mãos e dos pés de antropomorfos e zoomorfos. Constatou-se dois casos onde foi utilizada a técnica de crayonnage (figuras 1 e 2).



Fig. 1 Crayonnage. Painel 9. Sítio Lapa da Pedra.



Fig. 2 Uso de pincel. Painel 8. Sítio Lapa da Pedra.

Quanto aos motivos registramos os abstratos (geométricos simples e complexos) e figurativos (naturalistas e culturais). São freqüentes as representações de cenas transmitindo a idéia de inter-relações no conjunto. Cenas de sexo, movimento e ciranda, podem ser observados principalmente no sítio Lapa da Pedra.

Dentro do conjunto de motivos naturalistas, os motivos antropomórficos se apresentam com mais freqüência, seguido dos zoomorfos. Em menor freqüência observamos os astronômicos, artefactuais e fitomorfos consecutivamente.

Os motivos abstratos (geométricos simples e complexos), característicos da tradição Nordeste, dividem os espaços nos painéis com os motivos figurativos, sendo num sítio mais freqüente que em outro.

As sobreposições, embora raras, quando ocorrem não demonstram mudança estilística, o que nos faz crer que grupos culturais diferenciados não pintaram posteriormente os abrigos. A crono-estilística, portanto não se adequa às análises no caso da Serra de Monte Alto.

A temática nos dois sítios que apresentam maior número de pinturas (Lapa da Pedra e Fazenda Andes) é preponderantemente antropomórfica. O estilo de representação varia entre figuras humanas isoladas ou em conjunto e associadas a motivos geométricos ou zoomórficos. Observa-se que dentre os zoomorfos, os mais representados foram aves, seguido dos lacertídeos, quelônios e raros mamíferos.

Os motivos figurativos foram representados de forma realista, estilizado e estilizado ao extremo, sem que isto signifique tendências evolutivas na preferência de comunicar. Não podemos observar realistas sobre estilizado ou vice-versa. O quadro abaixo demonstra uma síntese dessas variações (figura 3). O grupo de zoomorfos não apresentou simplificação na forma de representação, a não ser a representação de pegadas. O último grupo sugere antropomorfos zoomorfixados que será discutido adiante.

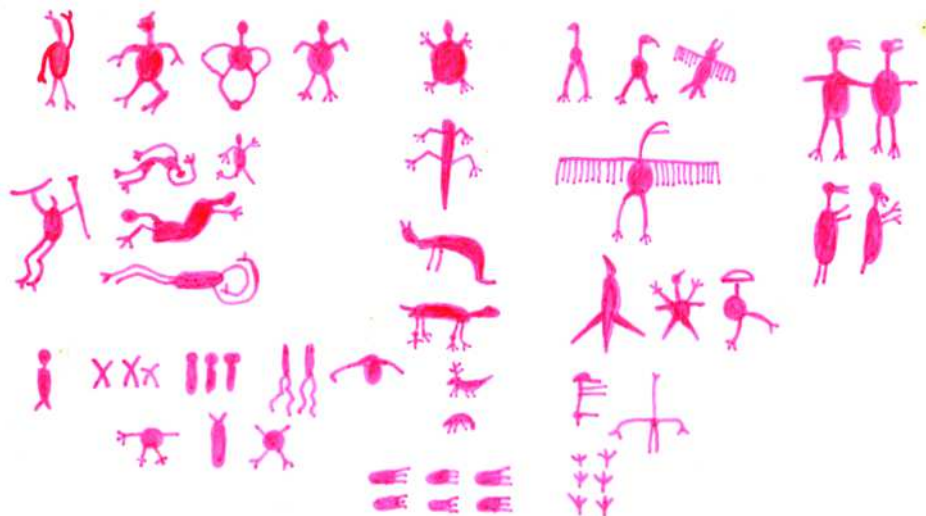


Fig. 3 Síntese dos motivos do sítio Lapa da Pedra.

Os sítios com pinturas rupestres localizados na Serra de Monte Alto foram plotados nas coordenadas em UTM 0711368 e 8411350 o sítio Lapa da Pedra; 0699022 e 8415260 o abrigo da Sambaíba; 0722541 e 8400744 as pinturas da Fazenda Andes; 0719971 e 8404602 abrigos do Breti Coqueiro; 0726855 e 8896432

a Toca dos Tapuios; 0723316 e 8893522 as pinturas do riacho da Mandiroba. Além desses sítios com pinturas, foram registrados mais dois sítios no entorno da Serra: Sítio com Pinturas do Abrigo da Fazenda Bela Vista, em 14°05.60'S e 42°58.001' N e o Sítio no afloramento calcáreo do Espinho nas coordenadas em UTM 0694997 e 8431270.

O SÍTIO LAPA DA PEDRA (UTM 0711368 8411350)

As pinturas foram executadas em paredes verticais ou nos tetos dos abrigos de formação quartzítica, contornada pela vegetação de campos rupestres e cerrado. Sobre a formação predominam espécies de cactáceas. O riacho “Passagem de César”, mais próximo, está a 1,8 km de distância. O sítio localiza-se a 170 m da estrada que liga a comunidade de Pé de Serra à Cachoeira da Mandiroba, que está distante do sítio cerca de 5 km (figuras 4 e 5).



Fig 4 Vista da entrada do abrigo principal. Contornando o afloramento surgem outros painéis abrigados.



Fig 5 Situação do sítio na paisagem.

Os painéis foram identificados a medida que apresentavam signos próximos ocupando tetos e paredes de abrigos diferenciados geomorfologicamente e numerados de 1 a 12. As representações podem ser inseridas na “Tradição Arqueológica Nordeste”, semelhantes ao estilo produzido no Parque Nacional da Serra da Capivara no Estado do Piauí, o qual vem sendo estudado pela arqueóloga Niède Guidon e equipe.

A “Tradição Nordeste” se caracteriza principalmente pelo grande número de cenas explícitas de caça, atividade econômica, sexo, dança etc., sempre apresentando movimento. São representações de pequeno tamanho (em torno de 15 cm), na maioria de antropomorfos, não deixando de existir zoomorfos e geométricos, e quase sempre em tons de vermelho (figuras 6 e 7).

Quando a policromia aparece, normalmente é para realçar detalhes como bicos de aves ou penas e contornos. Na Serra o amarelo está associado em paralelo aos traços vermelhos contornando-os ou fazendo parte do signo.

Os signos geométricos podem ser simples ou compostos. Sobressaem nos painéis do sítio a sequência de pontos e interseções de retas.

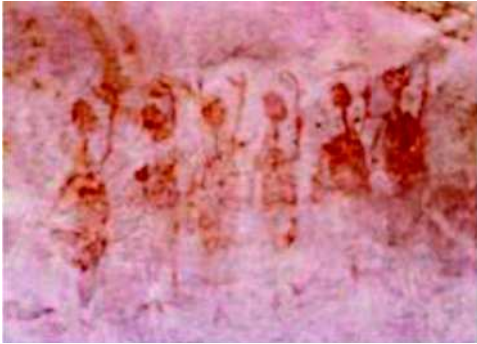


Fig. 6 Paineel 7.

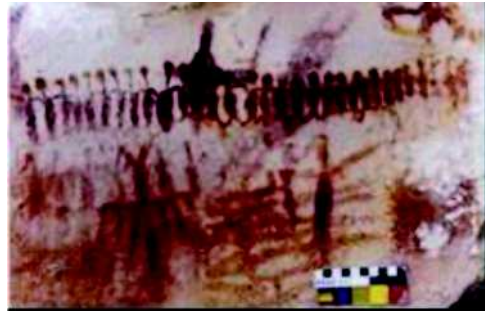


Fig. 7 Grupo de antropomorfos com destaque para uma figura central. Sobreposição de uma ave. Paineel 4.

Algo que chama atenção nesses painéis, pouco descrito para a Tradição Nordeste, é a freqüência de figuras humanas zoomorfizadas, na maioria com elementos (bicos, asas, alongamento da silhueta), sugerindo formas de aves, apesar de que na subtradição Seridó (MARTIN, 1997), da Tradição Nordeste do Rio Grande do Norte, são visíveis alguns elementos semelhantes (figuras 8 e 9).

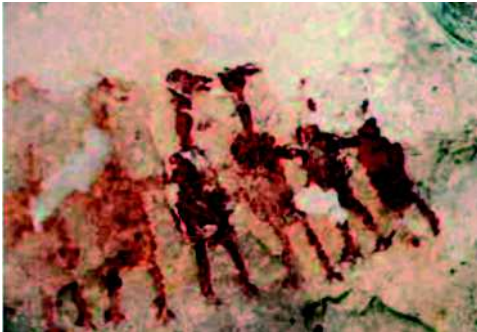


Fig. 8 Paineel 5 (frontal).

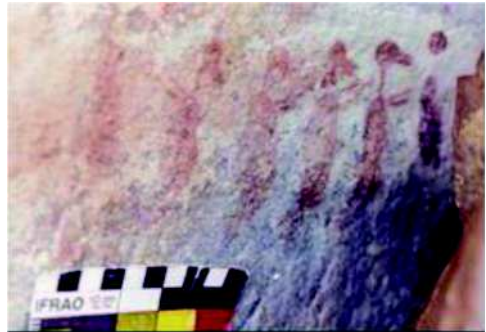


Fig. 9 Paineel 1 (frontal).

No sítio Lapa da Pedra, a ave foi preferencial na forma de representação em detrimento da representação de outros animais como é característico da tradição Nordeste. A ave predominou sobre outros motivos zoomórficos, tanto esteve antropomorfizada, como nas imagens acima, como representada de forma estilizada e realista. Em todo o conjunto do sítio só puderam ser bem identificados dois cervídeos justapostos, dois lacertídeos e um quelônio

AS PINTURAS RUPESTRES DA FAZENDA ANDES (UTM 0722541 8400744)

Na seqüência em direção oeste, localiza-se o sítio arqueológico com pinturas rupestres da Fazenda Andes observados em dez afloramentos de quartzito equidistantes 200 m aproximadamente um do outro. Nas proximidades existe um riacho perene de nome ignorado.

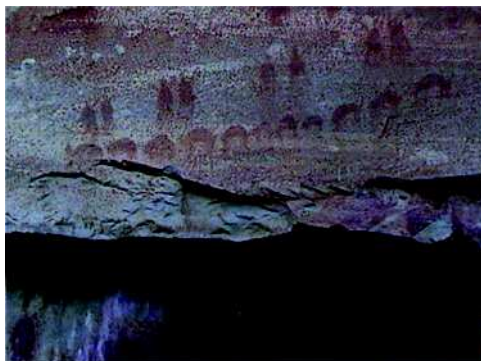


Fig. 10



Fig. 11

O estilo de representação é semelhante ao sítio Lapa da Pedra, sendo que o número de imagens zoomórficas se apresenta em maior quantidade. Os motivos estão isolados ou agrupados. Em um caso observamos uma seqüência de quadrúpedes, que pelo focinho voltado para o chão parece representar um bando de caititu (figuras 10 e 11).



Fig. 12 Observa-se dois antropomorfos separados por um aparente zoomorfo (ave) estilizado. A intenção de se fazer ressaltar grandes “olhos” parece querer representar algum personagem mítico como se pode observar nas figuras seguintes representadas em diferentes regiões do Brasil.

maioria e ocasionalmente amarelo ou amarelo combinando com vermelho para a formação do signo.

Fato relevante é a presença de uma figura antropomórfica (figura 12) que foi discutido na tese de doutorado de Silva (2004), semelhante a figura de pipírukánikiápi (macho e fêmea) desenhado pelos meniháku (grupo lingüístico aruak) a pedido da professora Fénelon Costa em 1965 (figura 13. COSTA, 1988, p. 76).

Essa figura pode ser observada também em um sítio arqueológico do nordeste do Mato Grosso do Sul (figura 14)

Os signos geométricos são raros, aparecem círculos, pentes, seqüência de pontos, grades, retas paralelas, ziguezagues e geométricos complexos combinando traços, círculos, pontos.

Os antropomorfos, menos raros, seguem o padrão da tradição Nordeste. Figuras formando cenas com a união de braços, em pares ou em seqüências maiores. Cenas de caça nem de sexo não foram observadas neste sítio como no sítio Lapa da Pedra.

A cor predominante, como nos outros sítios, são tons de vermelho em sua



Fig. 13 Desenho meniháku

e na Serra das Paridas no Município de Lençóis na Bahia (figura 15). O mesmo motivo com o atributo de “olhos grandes” associado a círculos concêntricos foi registrado pelo autor na localidade Carrapato do município de Macaúbas, Bahia (figura 16).



Fig. 14 Sítio MS- PA 4 (BEBER, 1995, p. 12).

Fig. 15 Antropomorfo da Serra das Paridas (Lençóis, Ba) com atributos significativos: pernas, pênis, braços, três dedos, sobressaem os “olhos”, possui um dos pés avantajado.

Fig. 16 Sítio Carrapato, município de Macaúbas. Serra Geral BA.

Em um dos abrigos, foi encontrado pelo proprietário da Fazenda, Ricardo Santos, pedaços de machados polidos o que não necessariamente pode ser atribuído ao grupo de caçadores-coletores que pintou os abrigos, mas que merece ser reportado para que futuras pesquisas possam revelar a que grupo pertenceu. Aparentemente a um grupo mais recente, talvez de horticultores, já identificados nos sítios da base da Serra de Monte Alto e em serras próximas no município de Iuiu, Malhada e Carinhanha. Esse grupo pode ter habitado a região até após o ano de 1500, quando da chegada dos portugueses ao Brasil. Escravizados, aculturados e finalmente extintos durante as diversas fases de interiorização com a exploração de ouro, pedras preciosas, criação de gado e com a expansão da agricultura.

PINTURAS RUPESTRES DO SÍTIO BRETI COQUEIRO (UTM 0719971 8404602)

O sítio Breti Coqueiro localiza-se na Fazenda do Sr. Lúcio Rodrigues, empresário e morador do Município de Candiba. Nas proximidades existe o riacho do lavador. Na paisagem de cerrado elevam-se afloramentos quartzíticos com abrigos, nos quais apenas um foi utilizado para representações rupestres.

Da mesma forma, segue o estilo já descrito para o sítio Lapa da Pedra, se configurando numa seqüência em que



Fig. 17

alguns detalhes diferenciam e aproximam um conjunto ideográfico tornando mais explícita a cultura desses povos pretéritos (figuras 17 - 19).



Fig. 18



Fig. 19

REFERÊNCIAS

- BEBER, M. V. **Arte rupestre do nordeste do Mato Grosso do Sul**. Porto Alegre, RS, 1994. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- COSTA, M. H. F. **O mundo dos mehináku e suas representações visuais**. Brasília : Ed. Universidade de Brasília, 1988.
- ETCHEVARNE, C. **Escrito na pedra: cor, forma e movimento nos grafismos rupestres da Bahia**. Organização Odebrecht. Rio de Janeiro: Versal, 2007.
- GASPAR, M. D. Cultura: comunicação, arte, oralidade na pré-história do Brasil. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v.14, p. 153-168, 2004.
- MALTA, I. M. Análise macroscópica dos pigmentos das escavações de Santana do Riacho. **Arquivos do Museu de História Natural**. Belo Horizonte, v. 12, p. 304 – 312, 1991.
- MARTIN, G. **Pré-História do Nordeste do Brasil**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1997.
- PESSIS, A. M.; GUIDON, N. Registro rupestre e caracterização das etnias pré-históricas. In: VIDAL, L. (Org.) **Grafismo indígena**. São Paulo: EDUSP, p. 19-34, 2000.
- RIBEIRO, L.; ISNARDIS, A. Os conjuntos gráficos do Alto-Médio São Francisco e Montalvânia. **Arquivos do Museu de História Natural**. Belo Horizonte, v. 17-18, p. 243 – 285, 1996 / 1997.
- SILVA, J. P. da. **Pinturas Rupestres: estruturas e representação em Minas Gerais e Bahia**. Rio de Janeiro, 2004. 264 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.